

Revelações. *Poesias de A. E. Zaluar, Garnier editor, 1863.*

Texto-Fonte:
Crítica Literária de Machado de Assis,
Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1938.

Publicado originalmente no *Diário do Rio de Janeiro*, março de 1863.

Dois motivos me levam a falar do livro do Sr. A. E. Zaluar; o primeiro, é o próprio merecimento dele, a confirmação que essas novas páginas trazem ao talento do poeta; o segundo, é ser o autor das *Revelações* um dos que conservam mais viva a fé poética e acreditam realmente na poderosa influência das musas.

Parece, à primeira vista, coisa impossível um poeta que condene a sua própria missão, não acreditando nos efeitos dela; mas, se se perscrutar cuidadosamente, ver-se-á que este fenômeno é, não só possível, como até não raro.

O tom sinceramente elegíaco da poesia de alguns dos mestres contemporâneos deu em resultado uma longa enfiada desses filhos das musas, aliás, talentosos, em cuja lira a desconfiança e o abatimento tomam o lugar da fé e da aspiração.

Longe a idéia de condenar os que, após longa e dolorosa provação, sem negarem a grandeza de sua missão moral, soluçam por momentos desconsolados e desesperançados. Desses sabe-se que a cada gota de sangue que lhes tinge os lábios corresponde um rompimento de fibras interiores; mas entre esses sofrimentos, muitas vezes não conhecidos de todos, e o continuado *lama sabactani* dos pretendidos infelizes, há uma distância que a credulidade dos homens não deve preencher.

Não se contesta às almas poéticas certa sensibilidade fora do comum e mais exposta por isso ao choque das paixões humanas e das contrariedades da vida; mas não se estenda essa faculdade até à *sensiblerie*, nem se confunda a dor espontânea com o sofrimento calculado. A nossa língua tem exatamente dois termos para exprimir e definir essas duas classes de poetas; uns serão a *sensibilidade*, outros a *suscetibilidade*.

Destes últimos não é o autor das *Revelações*, o que no tempo presente é um verdadeiro mérito e um dos primeiros a serem apontados na conta da análise.

Análise escapa-me aqui, sem indicar de minha parte intuito determinado de

examinar detida e profundamente a obra do Sr. Zaluar. Em matéria de crítica o poeta e o leitor têm direito a exigir do escritor mais valiosos documentos que os meus; esta confissão, que eu sempre tenho o cuidado de repetir, deve relevar-me dos erros que cometer e dispensar-me de um longo exame. É como um companheiro da mesma oficina que eu leio os versos do poeta, e indico as minhas impressões. Nada mais.

O primeiro volume com que o Sr. Zaluar se estreou na poesia intitulava-se *Dores e Flores*; foi justamente apreciado como um primeiro ensaio; mas desde então a crítica reconheceu no poeta um legítimo talento e o admitiu entre as esperanças que começavam a florir nesse tempo.

As torturas de Bossuet para descrever o sonho da heroína servem-me de aviso nesta conjuntura, mas tiram-me uma das mais apropriadas figuras, com que eu poderia definir o resultado mau e o resultado bom dessas esperanças nascentes.

Direi em prosa simples que o autor das *Dores e Flores* foi das esperanças que vingaram, e pode atravessar os anos dando provas do seu talento sempre desenvolvido.

O que é pena (e é essa a principal censura a fazer às *Revelações*) é que durante o longo período que separa os dois livros o poeta não acompanhasse o desenvolvimento do seu estro com maior cópia de produções, e que no fim de tão longa espera o novo livro não traga com que fartar largamente tantos desejos. Mas, sendo assim, o que resta aos apreciadores do talento do poeta é buscar no insuficiente do livro as sensações a que ele os acostumou.

Para ser franco cumpre declarar que há reservas a fazer, e tanto mais notáveis, quanto se destacam sensivelmente no fundo irrepreensível do livro. Mais de uma vez o poeta, porque escrevesse em horas de cansaço ou fastio, sai com a sua musa das regiões etéreas para vir jogar terra a terra com a frieza das palavras; esses abatimentos, que, por um singular acaso, na divisão do livro acham-se exatamente em ordem a indicar as alternativas dos vôos da sua musa, servem, é certo, para pôr mais em relevo as suas belezas incontestáveis e as elevações periódicas do seu estro.

Pondo de parte esses fragmentos menos cuidados, detenho-me no que me parece traduzir o poeta. Aí, reconhecem-se as suas qualidades, sente-se a sua poesia melódica, simples, terna; a sua expressão conceituosa e apropriada; a abundância contida do seu estro. Sempre que o poeta dá passagem às comoções de momento, a sua poesia traz o verdadeiro e primitivo sabor, como na *Casinha de sapê* e outras.

A parte destinada à família e ao lar, que é por onde começa o livro, traz fragmentos de poesia melancólica, mas não dessa melancolia que anula toda a ação do poeta e faz ver na hora presente o começo de continuadas catástrofes. É esse um assunto eterno de poesia; a recordação da vida de criança, na intimidade do lar paterno, onde as mágoas e os dissabores, como os raios, não chegam até às plantas rasteiras, não passando dos carvalhos; essa recordação na vida do homem feito é sempre causa de lágrimas involuntárias e silenciosas; as do poeta são assim, e tão medrosas de aparecer, que essa parte do livro é a menos farta.

Efêmeras é o título da segunda parte do livro. Aí reuniu o poeta as poesias de assunto diverso, as que traduzem afetos e observações, os episódios íntimos e rápidos da vida.

Arrufos é uma das poesias mais notáveis dessa parte; é inspirada visivelmente da musa fácil de Garret, mas com tal felicidade, que o leitor, lembrando-se do grande mestre, nem por isso deixa de lhe achar um especial perfume.

Não acompanharei as outras efêmeras de merecimento, como sejam *A Confissão*, *Perdão*, etc. O livro contém mais duas partes; uma, onde se acham algumas boas traduções do autor, e versos que lhe são dedicados por poetas amigos; outra que toma por título *Harpa Brasileira*, onde estão as poesias *A casinha de sapê*, *O ouro*, *O Filho das florestas*, *A flor do mato*, *os Rios*, etc.

Da *Casinha de sapê* já disse que é uma das melhores do livro; acrescentarei que ela basta para indicar a existência do fogo sagrado no espírito do poeta; a melancolia do lugar é traduzida em versos que deslizam suave, espontânea e naturalmente, e a descrição não pode ser mais verdadeira.

Para apreciação detida do leitor, dou aqui algumas dessas estrofes:

No cimo de um morro agreste,
Por entre uns bosques sombrios,
Onde conduz uma senda
De emaranhados desvios,
Uma casinha se vê
Toda feita de sapê!

Suave estância! Parece,
Circundada de verdura,
Como um templo recatado
No seio da espessura;
Naqueles ermos tão sós
Não chega do mundo a voz!

Apenas uma torrente,
Que brota lá dos rochedos,
Murmura galgando as penhas,
Suspira entre os arvoredos!
Tem ali a natureza
A primitiva beleza!

Lá distante... inda se escuta
Ao longe o bramir do mar!
Ouvem-se as vagas frementes
Nos alcantis rebentar!
Aquele eterno lamento
Chora nas asas do vento!

Mas na casinha, abrigada
Pelos ramos das mangueiras,
Protegida pelas sombras,
Dos leques das bananeiras,
Aquele triste clamor
É como um gênio de amor!

Eu e Júlia nos perdemos
Na senda, uma vez, do monte;
Ao sol-posto — cor de lírio
Era a barra do horizonte
Toda a terra se cobria
D'um véu de melancolia!

O meu braço segurava
O seu corpo já pendido
Às emoções, ao cansaço,
Como que desfalecido.
Seus olhos com que doçura

Se banhavam de ternura!

Paramos no toско ang'lo
Da montanha verdejante.
Era deserto. Não tinha
A ninguém por habitante!
Só no lar abandonadas
Algumas pedras tismadas!

.....
.....

A Flor do mato, o Ouro, o Filho das Selvas são também, como esta, de mérito superior.

No prefácio do livro, o sr. Zaluar dá a poesia *Os Rios* como o elo entre os seus volumes publicados e outro cuja publicação anuncia. Aí pretende ele entrar na contemplação séria da natureza e do infinito. Tendo atingido a completa virilidade do seu talento, o autor das *Revelações* compreende, e compreende bem, que é hora de sair inteiramente do ciclo das impressões individuais. Já, como ele mesmo observa, algumas das poesias deste livro fazem pressentir essa tendência.

Direi que já era tempo, e, sem a menor intenção de fazer um cumprimento ao poeta, acrescento que a poesia ganhará com os seus prometidos tentames.

E se fosse dado a qualquer indicar caminho às tendências do poeta e modificar-lhe as intenções, eu diria que, não só a essa contemplação do infinito e da natureza, mas também à descoberta e consolação das dores da humanidade devia dirigir-se a sua musa.

Ela tem bastante comoção, nas palavras, para consolar as misérias da vida e embalsamar as feridas do coração.

Em resumo, o livro do sr. Zaluar é, como disse ao princípio, uma confirmação de que não precisava o seu talento. A poetas como o autor das *Revelações*, não há mister de exortações e conselhos; ele sabe que a condição do talento é trabalhar e utilizar as suas forças. O tempo para os dons do espírito é um meio de desenvolvimento; a inspiração que se aplica, cresce e se fortalece, em vez de diminuir e esgotar-se. As *Revelações* são uma prova disto. É principalmente a respeito da poesia que tem aplicação o dito de Bufon: — *A velhice é um preconceito.*

